

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA
NACIONAL**

ARIANE LOPES

**ENTRE O ESTÉTICO E O UTILITÁRIO: UMA ANÁLISE DA
OBRA O SOFÁ ESTAMPADO DE LYGIA BOJUNGA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2012

ARIANE LOPES

**ENTRE O ESTÉTICO E O UTILITÁRIO: UMA ANÁLISE DA
OBRA O SOFÁ ESTAMPADO DE LYGIA BOJUNGA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná para obtenção do título de especialista.

Orientador: Professora Dra. Alice Atsuko Matsuda

CURITIBA

2012

“...assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.”

(CANDIDO, Antonio, 1995)

RESUMO

LOPES, ARIANE. Entre o estético e o utilitário: uma análise da obra O sofá estampado de Lygia Bojunga. 2012. 25 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional)– Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

A presente monografia objetiva discutir algumas sugestões relacionadas à literatura infantil no Brasil, fazendo uma breve apresentação das questões históricas que a permearam até os dias atuais, diferenciando o discurso utilitário do discurso estético. Desta forma, pretende-se analisar a obra O sofá estampado, de Lygia Bojunga, verificando o trabalho estético da autora na obra citada. Além disso, analisar o tema do engajamento social presente na obra e como “o direito à literatura” é um direito de todos, muitas vezes negado aos alunos de classes menos privilegiadas pela escola. Portanto, como sugestão de trabalho para propiciar acesso à literatura para todos, propõe-se um trabalho com o Método Recepcional, organizado por Bordini e Aguiar.

Palavras-chave: Literatura infantil. Utilitário e estético. Engajamento social. Lygia Bojunga. O sofá estampado.

ABSTRACT

LOPES, ARIANE. Between the aesthetic and utility: an analysis of the work O sofá estampado by Lygia Bojunga. 2012. 25 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional)– Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012

This monograph discusses some suggestions related to children's literature in Brazil, making a brief presentation of historical issues that permeated to the present day, differentiating speech utility aesthetic discourse. Thus, we will analyze the work The sofa stamped by Lygia Bojunga checking the aesthetic work of the author's work cited. In addition, analyze the theme of social engagement in this work and as "the right to literature" is a right for everyone, often denied by the school students of less privileged classes. Therefore, as suggested by work to provide access to all the literature, we propose a method Recepcional work with, organized by Bordini and Aguiar.

Keywords: Children's literature. Utility and aesthetic. Social engagement. Lygia Bojunga. O sofá estampado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
O DISCURSO UTILITÁRIO E O DISCURSO ESTÉTICO: BREVE HISTÓRICO.....	9
ANÁLISE DA OBRA O SOFÁ ESTAMPADO DE LYGIA BOJUNGA.....	13
UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DO MÉTODO RECEPCIONAL.....	19
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Por meio de processo constante de observação e análise verifica-se que as práticas pedagógicas em relação à Literatura Infantil estão, na grande maioria, aquém do esperado. Há excelentes teorias de como se formar leitores críticos, mas a sociedade em geral tem demonstrado que entre os leitores que pretendemos formar e os leitores que estamos formando existe uma ruptura, ou seja, há que se admitir, estamos falhando. Indiscutivelmente, o tema proposto aqui é amplo e inesgotável, mas somente ao repensar e analisar sobre as “falhas” que temos observado em relação aos leitores brasileiros é que gradativamente poderemos alcançar melhorias na qualidade literária. Isso porque não podemos esquecer que a produção literária sempre estará diretamente relacionada ao público leitor. Bons leitores implicam em uma boa produção literária.

A escola deve, acima de tudo, formar leitores apaixonados, mostrar o encanto, a magia presentes nos livros, mas para isso é essencial que se reconheça a importância da literatura na formação do ser humano. Consideramos aqui, a escola como formadora de leitores uma vez que a sociedade brasileira, de forma geral, não tem a leitura como prática social. Essa formação deve começar desde cedo e não somente nos anos finais da educação básica, como se tem observado. Repensando como a literatura vem sendo tratada nas escolas brasileiras, há que se admitir a necessidade de rever algumas questões em torno do assunto. Infelizmente, não temos formado leitores como o esperado.

Na prática escolar ainda temos nos deparado com ocorrências em que a Literatura Infantil resume-se em passeios despropositados à biblioteca da escola, isso quando a escola dispõe desse espaço. Em outras ocasiões, as aulas de Literatura são destinadas aos professores com o objetivo de cumprimento de carga horária, sem que se exija um preparo acadêmico para isso, e muito menos conteúdos específicos. Se o objetivo é formar leitores críticos, considerando que o criticismo é um fator que se constrói durante toda a vida, então porque o olhar pedagógico sobre a literatura infantil resume-se em leituras despropositadas de livros, sem nenhuma ênfase ao fantástico mundo da leitura, aos elementos que compõem uma narrativa? A escola investe, muitas vezes, no caminho oposto, fazendo com que somente no Ensino Médio se perceba a importância da Literatura para concursos e vestibulares.

Discutir sobre literatura infantil em um país como o Brasil, implica em uma tarefa bastante árdua, que exige especial atenção, uma vez que se consideram as questões históricas e de submissão a qual nossa literatura, em especial aqui para crianças e jovens, foi submetida. Portanto, primeiramente será enfatizado como se deu inicialmente essa literatura e como as questões históricas a permeiam.

Desde a antiguidade, a ligação entre literatura, crianças e jovens foi entendida como forma de transmissão de valores e a formação moral. Por esse motivo, justificou-se para a escola prezar pelos clássicos por oferecerem um modelo de vida moral e até mesmo de boas maneiras, ou seja, com uma intenção pedagogizante. Seriam necessários muitos anos para o surgimento de uma literatura renovada, não apenas utilitária. No Brasil, o texto como pretexto, recurso didático, cuja função era a complementação do trabalho escolar, foi a ideia que durante muitos séculos justificou a literatura para crianças e jovens no Brasil. Abrindo as portas para o utilitarismo, tivemos uma produção sem preocupação estética, tornando-se prioritariamente um veículo de propagação dos ideais burgueses. Somente muito mais tarde, aproximadamente nos anos 70 é que a literatura infanto-juvenil passa a tomar novos rumos. Com isso, ocorre um atraso de quase 100 anos em relação às conquistas estéticas pelas quais passaram as obras dirigidas ao público adulto, ficando a produção literária infantil aquém dos movimentos revolucionários que acompanharam as artes em geral. Uma vez que são colocadas em destaque as questões entre estético e utilitário, faz-se necessário uma diferenciação entre esses discursos.

Desta forma, a presente monografia objetiva analisar o panorama histórico da literatura infantil no Brasil, utilizando como base as questões relacionadas ao utilitário e ao estético, diferenciando-os e apontando como ocorreu a produção literária infantil, bem como suas implicações no que diz respeito à formação dos leitores em nosso país. Além disso, pretende-se analisar criticamente o livro *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga, apontando as questões estéticas de construção da obra, bem como seu caráter de engajamento social, mostrando que ao ultrapassar os limites do utilitarismo, uma obra não deixa necessariamente de educar, ensinar, transmitir valores, mas que isso ocorre conforme sua própria dinâmica, suas exigências internas da narrativa, de forma que não se tenha uma preocupação em relação à eficácia junto ao leitor. Pretende-se também propor um trabalho, como

forma de sugestão com a obra analisada, utilizando-se do Método Recepcional, organizado por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar.

Sendo a literatura uma manifestação universal, corresponde, dessa forma, a uma necessidade universal que precisa, como qualquer outra necessidade, ser satisfeita. Ela deve ser considerada, acima de tudo, um direito, e por isso, um fator indispensável de humanização, pelo fato de a literatura ter papel formador de personalidade. Portanto, a literatura deve ser considerada como uma das necessidades profundas do ser humano, necessidades que, segundo Candido, “não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora” (1995, p.241). Devemos pensar sobre esse aspecto, mas não como tradicionalmente as escolas fazem. Deve-se de fato considerar a verdadeira importância da literatura na formação do homem e, conseqüentemente, da sociedade na qual ele está inserido. Para tanto, devemos repensar sobre a forma com que tratamos a literatura, principalmente, no âmbito escolar, pois é nele que as camadas menos favorecidas da sociedade terão acesso à leitura de obras de qualidade. Se nós educadores sentimos que algo está fracassando na formação dos nossos leitores, então vamos começar a analisar e repensar a literatura desde seu início e que em um país como o Brasil, inicia-se, muitas vezes, somente nos bancos escolares.

Dessa forma, a presente monografia iniciará com um capítulo sobre panorama histórico da Literatura Infanto-juvenil no Brasil, caracterizando suas dimensões sobre o utilitário e o estético. No capítulo seguinte será abordada uma análise da obra *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga sob alguns aspectos relevantes, principalmente, em relação às questões do engajamento social que o livro mostra. Será proposta em seguida um trabalho, como forma de sugestão, baseado no método recepcional, com uma breve exposição do método, bem como seus objetivos.

Para o desenvolvimento dessas questões teóricas, serão utilizados estudiosos como Antonio Candido, Edmir Perrotti, Maria da Glória Bordini, Vera Teixeira de Aguiar, entre outros que serão elencados nas referências.

O DISCURSO UTILITÁRIO E O DISCURSO ESTÉTICO: BEVE HISTÓRICO

Entende-se como utilitário, em sua essência, o discurso cuja produção torna seus narradores meros porta-vozes de ideais burgueses. O utilitarismo representa uma forma de diminuição que os “perigos” ideológicos podem representar e implica na inferiorização do leitor: integrá-lo a uma ordem social dominante, identificado, inclusive, com forças dominantes. O discurso utilitário não ultrapassa, nesse sentido, o nível de manuais de boa conduta ou de formação do cidadão.

O discurso utilitário, predominante no Brasil desde o século VIII, tem como objetivo o enfoque pedagógico, não importando muito com a coerência interna das narrativas como, por exemplo, com as personagens, o tempo, o espaço e o enredo.

Trabalhos flácidos, inconsistentes, sem coesão abundam no gênero. A “feitura” do texto não foi quase nunca preocupação maior dos autores de literatura para crianças e jovens. E isto porque o texto sempre foi pretexto, complementação do trabalho escolar, recurso didático. (PERROTTI, 1986, p.27)

A grande questão aqui seria a de reconhecer que a literatura para crianças e jovens não se satisfaz com a tradição da própria arte e busca, dessa forma, o didático, elaborando obras que antes de tudo tentam convencer o leitor de determinado ponto de vista do próprio autor. Ou seja, temos aí um discurso que implica na inferiorização do destinatário, tendo o emissor como detentor da verdade, caracterizando algo perigoso, principalmente, para as camadas menos favorecidas da população, ou seja, o discurso pelo poder.

Segundo Perrotti, é inevitável o caráter instrumental que estará sempre presente no discurso literário, porém, quando julgamos o discurso utilitário, percebemos que isso é a sua essência, enquanto que no discurso estético isso ocorre de forma acidental. Por isso, muitos estudiosos da literatura diferenciam o discurso de “feições nitidamente utilitárias”, com o intuito de doutrinação do leitor do discurso estético, “fiel a si mesmo” ainda que marcado por “doses generosas” de instrumentalidade.

Como estética admite-se a valorização da fantasia, do sonho e da emoção, do encantamento em si. Houve uma necessidade dos escritores de se ocuparem com a condição de artistas e não com a de moralistas, uma postura narrativa em favor da

criação. O discurso estético é fruto de um momento em que a literatura para os pequenos leitores passa a ser repensada, não ficando imune às transformações ocorridas na sociedade brasileira, evidenciando uma tendência renovadora e passando por reformulações constantes. Porém, essa distinção nem sempre é algo simples de se realizar, só pode realmente ser feita com a análise cuidadosa de cada uma das produções. Pois sabemos que atualmente há um número grande de produções que estão subordinados ao “marketing” editorial, tentando suprir as necessidades do leitor.

A estrutura de obras que tendem para o estético abre espaço para a intervenção do leitor, havendo um espaço crítico entre autor e receptor. Sendo que o escritor deixa claro o seu mundo, mas é opção do leitor se entrará nele ou não, sem apelos diretos a ele. “E tudo isso da forma que só a arte pode fazer: sem imposições de nenhuma espécie, sem verdades prontas, sem receitas, podendo ser útil no seu universo, mas não utilitária na sua constituição.” (PERROTI, 1986, p.153).

A literatura para crianças e jovens no Brasil sempre foi marcada pela dependência cultural e importação de modelos traduzidos e adaptados à nossa língua, marcada pela condição colonial que nos foi imposta. Infelizmente, não tivemos uma tradição literária para crianças e jovens baseada em nossa rica tradição oral e sim, em modelos sempre buscados na Metrópole. Para Edmir Perroti (1986, p.57), a “condição colonial” significou para nós uma dependência cultural de Portugal que na literatura para crianças perdurou pelo menos até o início do século XX. Consequentemente, não existiria uma literatura brasileira para crianças e jovens antes da década de 20. Até então, contávamos com leituras puramente didáticas, ou a chamada literatura escolar, muito comum nessa época. A concepção de literatura infantil no Brasil, durante muitas décadas, seria a “utilitária”, aquela que ensinava os princípios morais. Desta forma, tivemos em nosso país um espaço propício a uma literatura de caráter utilitário, longe do ideal de formação de leitores livres, capazes de elevarem o país a uma condição que não a de nação subdesenvolvida. Mais tarde, começa a existir uma consciência no que se refere a uma contribuição para desenvolver o espírito crítico do leitor.

E, para tanto, não lhe serve uma narrativa unidirecional, fechada, como a narrativa didática. Ao contrário é a narrativa aberta, polifônica, multidirecionada, artística, que poderá levar o leitor a alcançar o espírito crítico. A linguagem artística não possui a estreiteza da linguagem utilitária,

e na sua amplitude, convém muito mais a um projeto que quer preparar seres livres para libertarem o país de seu cruel atraso. Portanto, tal linguagem, em sua aparente inutilidade, em sua gratuidade, é geradora de efeitos secundários muito mais eficazes que a linguagem didática. (PERROTTI,1986, p.63).

Mas, de certa forma, gradativamente e lentamente nossos autores passaram do discurso utilitário ao estético, no que se diz respeito à produção infantil. Porém, admite-se que ainda presenciamos atualmente produções literárias voltadas para o utilitarismo, conservando ranços e orientando produções literárias para crianças e jovens. Porém, devemos considerar que também há criadores significativos da nossa literatura atual, e que preocupados com as questões que permeiam a produção voltada para o público infantil e jovem, demandam uma produção rica no discurso literário. Mas isso só ocorreu no século XX, quando o caráter utilitário é questionado por artistas e estudiosos que apresentavam interesse pela questão da produção literária infanto-juvenil.

Inicia-se o processo de “crise do utilitarismo” com as obras de Monteiro Lobato, prenunciando uma nova tendência na literatura brasileira para crianças e jovens. Começa a emergir dos mais lúcidos educadores, um ponto comum, que seria a compreensão da literatura para crianças enquanto manifestação estética, deixando de lado o utilitarismo. Eleva-se à categoria de arte, e como tal necessita de uma estética evolutiva. Os livros de literatura para crianças têm agora a missão de desenvolver faculdades estéticas e intelectuais, conduzindo o leitor para outros horizontes, sem formalismode aprendizagem, simplesmente, mas, principalmente, pelo gosto e o prazer. Passamos para uma produção com discurso comprometido, não com ensinamentos, moralização, mas com sua formulação, organização, uma preocupação em tornar-se literatura.Por outro lado, “é evidente que a literatura pode e deve ser também uma disciplina, e que, sob a forma didática, ofereça manancial para exercícios escolares. Mas a obra de literatura infantil não pode visar esse objetivo, de modo primacial ou direto” (PERROTTI, 1986, p.71).

A partir do momento em que se admitiu uma literatura de qualidade, e não apenas utilitária como antes, muitas outras questões relacionadas à produção literária infantil são consideradas. Dentre essas questões, vamos destacar o acesso à cultura no Brasil e o direito à literatura. Considerando a literatura como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO,1995, p.242). O direito à literatura torna-se indiscutivelmente um direito, uma necessidade

pela qual apresenta papel humanizador. Instrumento poderoso, a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate” (CANDIDO, 1995, p.243), sendo indiscutível, dessa forma, seu engajamento social. E é justamente desse ponto que iniciaremos a análise da obra *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga, considerando seus aspectos não somente estéticos, mas também de crítica social retratados em uma história aparentemente singela, porém, que se tornou um dos livros mais premiados da escritora devida sua importância na produção literária infantil. Premiada, nada mais, nada menos que dezoito vezes pela Fundação Nacional do Livro Infante e Juvenil, a escritora recebeu outros prêmios nacionais, incluindo três Jabutis e pelo mais tradicional prêmio na área da literatura infante-juvenil: o Hans Christian Andersen, conferido pela primeira vez a um autor na América Latina. Pelo governo da Suécia recebeu o prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) premiação mundial jamais instituída em prol da literatura para crianças e jovens, definitivo para a escritora criar a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, com o objetivo de apoiar projetos que se proponham a tornar o livro algo mais acessível às pessoas.

ANÁLISE DA OBRA O SOFÁ ESTAMPADO DE LYGIA BOJUNGA

A obra será analisada aqui sob o engajamento que apresenta, apesar de singela, uma crítica de caráter social. Nesse aspecto, há novamente a necessidade de distinguirmos engajamento e utilitarismo. A arte engajada não tem como objetivo instituir medidas, ela é aberta, multifacetada. Muitas são engajadas pelo simples fato de existirem. Sem dúvida, O sofá estampado apresenta as características de uma obra engajada, não impondo ao leitor soluções para os conflitos, nem mesmo uma lição de valores e moral através de seu personagem principal, o tatu Vítor. Pelo contrário, ela mostra, sugere, faz o leitor pensar e refletir sobre a trajetória do personagem, deixando livre para o receptor suas impressões sobre a história construída através de um enredo não linear. Não está sendo negado aqui que a presente obra de certa forma trate de tensões de ordem emocional e social, mas que a faz através da construção de uma dinâmica estética, tendo como base um enredo que apresenta uma história singela e emocionante.

Ultrapassar o utilitarismo não significa deixar de reconhecer que a obra literária educa, ensina, transmite valores, desanuvia tensões etc. Significa dizer que, se a obra realiza todas essas funções, ela o faz de um modo específico, que determina sua própria natureza. Dessa forma, por sua especificidade, possui sua própria dinâmica, suas leis, suas exigências internas que, se violadas em nome de um valor exterior como a eficácia junto ao leitor, pode comprometer irremediavelmente sua integridade estética. Assim, em graus variados, quase todos reconhecem que a literatura é útil. Todavia, todos lastimam que ela submeta sua dinâmica interna a esse fator. E, na maioria dos autores não se sentem atitudes normativas apriorísticas, mas critérios nascidos da experiência de leitura ou da prática literária. (PERROTTI, 1986, p.22)

A história inicia com a descrição da sala na qual se encontra o sofá estampado. A personagem Dalva, uma gatinha angorá, seu namorado Vítor, um tatu, personagem principal e a dona da casa aparecem logo no primeiro capítulo. Logo percebemos uma crítica sobre a influência da mídia na vida das pessoas, pois a personagem Dalva não percebe nada ao seu redor, nem mesmo a presença de seu namorado, uma vez que, sentada no sofá estampado, não tira os olhos da televisão. Mas Vítor não, seu olhar é todo voltado para a gatinha. A forma como ele reage nos momentos de aflição, quando fica nervoso, cavando buracos, causa estranheza no início, mas é aceito mais tarde pela dona da casa, bem como o fato de ser um tatu decepciona a princípio, esperava-se um namorado diferente para

Dalva. Questões como a influência da mídia estão presentes em vários momentos da obra, como a fala de Dalva, frente à televisão no capítulo II:

“– Olha a casa dele, que bacana. Nossa, quanto empregado! Olha o carro dele, olha, olha. Ah, e o Vitor não fuma! Ele nunca vai ter uma casa assim, nem um carro assim, nem...”(BOJUNGA, 2010, p. 18).

Nos capítulos finais, descobre-se que Dalva havia recebido um prêmio de telespectadora mais assídua, assistia televisão durante doze horas por dia. O prêmio foi um grande incentivo para que a gata angorá aumentasse esse tempo para quinze horas, todos os dias.

Outra ocorrência no capítulo III:

“... dava pra gata cada livro bom mesmo, só que com a Dalva não adiantava dar livro nenhum porque o que a Dalva curtia mesmo era ver televisão.” (BOJUNGA, 2010, p.22).

Da mesma forma o fato do Vitor não saber que Dalva não aguentava leitura e enviar-lhe muitas cartas das quais apenas duas seriam lidas e a terceira pela metade, pois não havia figuras, o que, não despertando o interesse da gata, fez com que escondesse todas as cartas dentro do sofá.

Questões relacionadas ao consumismo também permeiam a obra. Ainda no capítulo III temos:

“A dona da casa tinha a mania do combina: o sapato precisava combinar com o vestido, “ih, que horror, esse vestido não combina com a poltrona, deixa eu ir lá trocar de roupa antes de vir me sentar”, a cortina tinha que combinar com o tapete, a poltrona com o sofá, a flor na jarra tinha que combinar com os dois...”(BOJUNGA, 2010, p.21).

Outra passagem ocorre no capítulo IV quando Vítor tenta retomar o assunto do casamento com Dalva que mantém seu olhar fixo na televisão e comenta:

“- Agora já passou, ah! Eles estavam mostrando o endereço certo. Pra ter *status* a gente tem que morar onde eles mostram.” (BOJUNGA, 2010, p.28).

De forma singela, também aborda questões relacionadas às decepções com as quais nos deparamos ao longo da vida. No capítulo IV, Vítor, em um desses momentos de “nervoso”, começa a cavar o sofá estampado cada vez mais, quando de repente se depara com as cartas que escrevera e que Dalva jamais havia lido, sente uma vontade inexplicável de cavar, cavar como nunca na esperança de quem sabe, esquecer a Dalva. A mágoa fazia com que a unha ficasse cada vez mais dura.

Cavou tanto que conseguiu chegar no tempo em que era criança e que o fez lembrar um de seus “engasgos” quando estava na segunda série, numa manhã de terça-feira quando a professora pede para o Vítor ler uma poesia. É interessante notar que nesse ponto da história, o personagem já havia se fechado tanto que parecia que todos já haviam esquecido sua existência, menos sua professora que decidiu chamá-lo. Nesse momento percebeu que o nervosismo era tão grande que as palavras foram “engarrafando” na garganta fazendo com que o pobre tatu tivesse uma crise horrível de tosse. E era sempre assim quando precisava falar com alguém, mas naquele dia ele resolveu cavar e sumir, esconder-se no túnel que ele mesmo havia cavado. Essa era a solução, era aí que ele encontraria uma rua só dele, que não morava mais ninguém, ou seja, um refúgio na verdade. E Vítor não fazia mais outra coisa do que procurar essa “rua” todos os dias, mas de tanto procurar e não encontrar acabou esquecendo-se dela. Nesse ponto percebemos o que Perrotti afirma sobre a obra “aberta”, pois necessita de um leitor capaz de compor os “dados” que são lançados pelo narrador, buscando um diálogo com o leitor.

Questões sociais também fazem parte da obra, quando, por exemplo, em virtude da formatura de Vítor, seus pais resolvem presentear-lo com uma viagem e seu pai explica:

“O dinheiro pra viagem já está guardado aí dentro, meu filho; tudo arrumadinho: nota maior no bolso menor.” (BOJUNGA, 2010, p.59). Indagado pela mãe de Vítor se isso não iria confundir-lo o pai responde:

“Não vai, não. Ele sabe que nota maior a gente tem menos e nota menor a gente tem mais, e então nota maior precisa de bolso menor.” (BOJUNGA, 2010, p.60). Diante disso, a mãe questiona:

“Pois é o que eu estou dizendo: não é uma coisa natural ter mais de menos e menos de mais.” (BOJUNGA, 2010, p. 60).

Ao mesmo tempo em que as reflexões são colocadas para o leitor, o diálogo é interrompido por estarem atrasados para a formatura. Ou seja, as ideias são sugeridas ao leitor, mas não impostas.

Essa relação “interna” transforma-se em relação “externa” também, colocando o leitor em posição de sujeito histórico diante da narrativa. Como já dissemos, esta é oferecida aos pedaços, de modo aparentemente desordenado. Ao leitor cabe recolher os fragmentos e recompor o todo. Só

mediante sua participação ativa é que o significado se compõe, oferecendo-se, portanto, na sua medida. Daí a impressão de “obra aberta”. Ela se oferece generosamente ao leitor, mas não se entrega facilmente a ele, exigindo-lhe atividade. Ao contrário do discurso utilitário, o discurso aqui requer um leitor participante, capaz de compor os dados lançados pelo narrador. Alteram-se, desse modo, os papéis tradicionais de narrador e leitor. Se, no discurso utilitário, o primeiro impõe-se ao segundo, no novo discurso a sujeição foi ultrapassada, instaurando-se, em seu lugar, a cumplicidade. O princípio da reciprocidade estende-se ao leitor, que passa a interlocutor respeitado e à altura do narrador. Tal deslocamento é fundamental por instituir novas relações de poder entre quem narra e quem lê. Não se busca mais educar o leitor, mas dialogar com ele. (PERROTTI, 1986, p.91)

Outra questão importantíssima da obra está na relação do sentimento de Vítor pela avó e seus pertences. Ele esperava ganhar no dia de sua formatura a mala da avó, a qual jamais voltara. Como não era possível presenteá-lo com a tão esperada mala, ele acaba por ganhar uma parecida e frustra-se inicialmente, mas ao imaginar que talvez por dentro fosse a mesma, igual, o sentimento muda. Aliás, a avó de Vítor tem um significado muito especial para ele, ela representa as boas lembranças, o resgate com o passado, a parte feliz da infância, o fascínio, a visão do mundo exterior, o que há além do mundo que Vítor conhecia, vejamos uma passagem:

“-Vó, quando você faz essas viagens compridas, o que você vê mais: floresta ou mar?” (BOJUNGA, 2010, p.70). A avó pensa um pouco e responde:

“-O que eu vejo mais é gente pobre e bicho perseguido, é isso que eu vejo mais.” (BOJUNGA, 2010, p.71).

Sem dúvida está presente novamente aqui a questão social, da mesma forma podemos encontrar em um dos relatos da avó:

... na viagem de volta eu conheci uma hipopótama...Estava prisioneira no porão...Fui pra perto dela trocar ideias, trocar livro pra ler, trocar uma palavrinha qualquer. Só que ela não estava habituada a trocar nada, ficou de boca fechada... ela só ficava contente quando a comida chegava.(BOJUNGA, 2010, p.73)

O tempo passa e avó demonstra que está envelhecendo, ela e a mala que também demonstra tais características tão visíveis aos olhos de Vítor. A morte da avó chega inesperadamente na volta da escola. Novamente ele tem um engasgo e começa, desesperadamente a cavar. “Foi assim... que ele ficou sofrendo fundo de terem matado a Vó.” (BOJUNGA, 2010, p.84). Nesse momento da história ele se

depara com a mesma rua, aquela em que representou uma fuga para ele quando engasgou na escola.

Através da carta da avó que chega, pelas mãos de amigos, fica clara, novamente, a questão social apresentada:

“Tem muito mais bicho de barriga vazia que bicho de barriga cheia. Não se esqueça dessa injustiça na hora de escolher sua profissão.” (BOJUNGA, 2010, p.92).

Outra mensagem deixada pela vó envolve a questão da ganância, do capitalismo e do consumismo:

“Não param de destruir a floresta; estão tocando fogo por todo lado. Dizem que é mais rápido. Pra ter logo o terreno livre e botar coisa que dá dinheiro depressa.” (BOJUNGA, 2010, p.92).

Nesse ponto da história, fica clara a afirmação que Perrotti faz em relação à linguagem literária:

... a linguagem assume-se a si mesma enquanto “verdade”, proclamando-se útil. Daí a necessidade de “encenação” da linguagem, quando se pretende alcançar o “estético”. A “encenação” cria no leitor uma distância crítica: ele sabe que o que lê é “ilusão”, “criação”. Com isso o útil que está sempre presente na obra literária torna-se possibilidade e não certeza, na medida em que sua referência é o universo da ilusão. (PERROTTI, 1986, p.84)

Vítor acaba por aceitar a morte da vó com a passagem do tempo. Mas o que ele não queria de forma alguma aceitar era seguir a mesma profissão do pai: vender carapaças de plástico.

Vítor viaja, sem levar a carapaça que o pai queria. Ele não chega até a Bahia, acaba ficando na metade do caminho, o Rio de Janeiro, e foi lá que conheceu Dalva. A única forma de chamar sua atenção era aparecendo na televisão e foi justamente isso que ele fez. E deu certo, pelos seus engasgos e tosse ele acaba sendo contratado para um comercial de xarope, um verdadeiro sucesso, principalmente porque Dalva o aceitou como namorado. Vítor acaba se deparando com a hipopótama que sua avó uma vez havia relatado no retorno de uma de suas viagens. Era a dona Popô que havia sido capturada e trazida para o Brasil, para um zoológico no Rio de Janeiro, e que de lá sairia pela interferência do Dr. Ipo, que pagou sua fiança. Novamente aqui a história nos remete para outro lado da crítica social, no momento em que ele afirma:

“-É só pagar pra sair.” (BOJUNGA, 2010, p.139).

“-Bom, se o bicho é pobre e só conhece gente pobre, o jeito é mesmo fugir.”
(BOJUNGA, 2010, p.139).

Popô acaba se apaixonando por ele, ou melhor, dizendo pelo casarão dele, pelo avião, pelos lugares que ele andava. Mais tarde ela terá uma agência de publicidade que é justamente o espaço em que ela e Vítor se encontram. Desiludida, ela resolve contratar um inventor, que transforma mágoa em outros sentimentos. Apresenta-se novamente nesse momento da obra o enfoque sobre a questão do consumismo e do egoísmo, uma vez que D. Popô, dentre tantas coisas, só pensava em transformar a sua mágoa em dinheiro. E é nesse espaço, na agência de publicidade que o Vítor se depara com outra coisa que o fez lembrar sua vó: a mala de sua falecida vizinha que estava com o inventor.

Nos capítulos finais o namoro de Vítor e Dalva se desfaz e isso faz com que ele queira retornar para casa. Durante a viagem de retorno o personagem tem um sonho simbólico, cinzento, representando sua tristeza por tudo o que passou e as coisas que poderiam se repetir e não eram de sua vontade. O enredo começa a se fechar quando Vítor retorna àquela rua, que era só dele, vazia, mas dessa vez ele encontra o inventor e a mala de sua avó, recebe-a de volta. O inventor havia cumprido seu caminho e agora dobrava a esquina. Vítor retorna para casa, mas agora ele era um tatu diferente, sabia o que queria e melhor, conseguiu falar tudo para seu pai sem engasgos, sem tosse. Queria seguir o caminho da vó, e foi isso que ele fez.

UMA PROPOSTA DE TRABALHO A PARTIR DO MÉTODO RECEPCIONAL

Antes de iniciar a proposta com a obra *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga, faz-se necessário uma breve apresentação do Método Receptional proposto por BORDINI e AGUIAR no livro *Literatura- a formação do leitor: alternativas metodológicas*.

O método aqui proposto, parte do princípio da preocupação com o ponto de vista do leitor no qual “a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem delanos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 81). Esse método tem como pré- condição o fato de texto e leitor serem sujeitos de determinados horizontes históricos que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. Uma obra deve produzir alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor em sucessivas épocas. Inicialmente, deve haver uma aproximação entre texto e leitor no qual as possibilidades de diálogo com a obra dependem do grau de identificação ou distanciamento em relação a ela.

O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seus horizontes de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.85)

Com isso, esse método proporciona ao leitor a contínua reformulação das exigências do leitor em relação à literatura e aos valores que orientam sua experiência de mundo, utilizando sempre como base o contato do aluno com diferentes textos. Os objetivos do método são os seguintes:

- 1- Efetuar leituras compreensivas e críticas;
- 2- Ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem;
- 3- Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
- 4- Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

Espera-se que no final, o aluno, o sujeito leitor, demonstre uma leitura mais exigente que a inicial, isso em termos estéticos e também ideológicos. Mas para que os objetivos sejam alcançados, as etapas a seguir devem ser seguidas:

- 1- Determinação do horizonte de expectativas- momento em que o professor verificará os interesses dos alunos, a fim de prever estratégias de ruptura e transformação do mesmo.
- 2- Atendimento do horizonte de expectativas- etapa em que se proporcionarão à classe experiências com textos literários que satisfaçam suas necessidades quanto ao objeto escolhido e às estratégias de ensino.
- 3- Ruptura do horizonte de expectativas- momento em que são introduzidos textos e atividades de leitura que abalem as certezas e costumes dos alunos seja em termos de literatura ou de convivência cultural.
- 4- Questionamento do horizonte de expectativas- fase em que serão comparados os dois momentos anteriores, verificando que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, proporcionaram aos alunos facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para atacar os problemas encontrados.
- 5- Ampliação do horizonte de expectativas- última etapa, em que os alunos tomarão consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. Conscientes de suas novas possibilidades de manejo com a literatura partem para a busca de novos textos, que atendam a suas expectativas ampliadas no tocante e composição mais complexos.

A sugestão de trabalho com a obra será indicada aqui para alunos do quarto ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Serão seguidas as etapas propostas acima, como forma de procedimentos didáticos.

- 1- Determinação do horizonte de expectativas

O professor observa inicialmente o comportamento da turma em relação ao contato com os livros disponíveis, podendo ser o acervo da biblioteca ou mesmo aquele disponível em sala de aula. Neste caso, hipoteticamente falando, o professor percebe que os alunos apresentam interesse por obras nas quais identificam suas experiências e o meio social em que estão inseridos. Lendo os livros preferidos pela turma e/ou comentados, descobre que a maioria prefere temas relacionados aos

problemas individuais e sociais enfrentados pelas crianças. Nesse aspecto, há de se convir que muito frequentemente recebemos alunos cada vez mais provenientes de classes sociais menos favorecidas e que convivem com problemas sociais recorrentes do sistema em que vivemos. Percebendo a preferência de seus alunos por esse tipo de história, observa-se que nelas existe a presença de personagens que representam a sociedade e seus problemas de forma a interagir com as crianças, animais falantes por exemplo.

2- Atendimento do horizonte de expectativas

A partir dos interesses percebidos nos alunos, o professor deverá organizar uma exposição de obras relacionadas ao tema escolhido, utilizando-se de diferentes ferramentas, como por exemplo: livros, anúncios, propagandas, catálogos, entre outros. O professor deve orientar os estudantes quanto as obras que estão sendo expostas, e estar atento ao contato dos alunos quanto ao manuseio, se identificam alguns títulos já conhecidos, leem fragmentos das obras (no caso de alunos já alfabetizados), atentam para as ilustrações. No final da exposição, é escolhido um tema para ser trabalhado, e que neste caso, hipoteticamente seria a influência da mídia nas classes menos favorecidas, e as consequências em relação a isso, como por exemplo, o consumismo e a troca da literatura e da leitura pela televisão. É realizada a leitura e a análise de uma propaganda, podendo ser de um brinquedo ou até mesmo de alguma guloseima para crianças.

3- Ruptura do horizonte de expectativas

Nesta etapa o professor deverá mostrar para os alunos um texto que revele as intenções da mídia na vida das pessoas. Fará a leitura juntamente com os alunos, uma roda de discussão. Os pontos principais colocados pela turma poderão ser registrados em um mural ou portfólio, isso ficará a critério de cada professor e sua organização. Esse texto poderá ser uma música, um poema, um texto retirado de uma revista ou jornal.

4- Questionamento do horizonte de expectativas

Nessa etapa, o professor pode solicitar para que os alunos façam um registro por escrito como, por exemplo, um questionário a ser respondido individualmente que

analise o comportamento da turma em relação à televisão. Questões que abordem quantas horas as crianças assistem por dia, que programas costuma assistir, em que horários, quais os comerciais que são mais comuns nesses horários e por que, que atividades a criança deixa de lado para assistir, entre outras. Esse questionário poderá ser respondido com a ajuda da família, individualmente ou com ajuda do professor, esse critério ficará por conta da escolha de cada docente em relação às características de sua turma. Após, realizar uma conversa sobre as respostas dos alunos. Devemos observar aqui a necessidade de um espaço específico para a disciplina de literatura uma vez que se entende como impossível um trabalho como esse ser realizado pelo professor regente da turma que é “engolido” pela quantidade inacabável de conteúdos de matemática, história e geografia, por exemplo, não dispondo de tempo hábil para isso. Portanto entende-se que deve haver um professor específico para a disciplina de literatura.

5- Ampliação do horizonte de expectativas

Nessa etapa será proposta a leitura da obra *O sofá estampado*, de Lygia Bojunga. Dentre as inúmeras questões que podem ser analisadas na obra, o enfoque será em relação à presença e influência da mídia na vida das personagens e de que forma isso acarreta em um consumismo comedido e falta de perspectivas, a exemplo da gata Dalva que nada mais fazia a não ser assistir televisão. Logicamente é um livro longo e que não será trabalhado de uma única vez, o que tem um lado muito positivo uma vez que faz com que o interesse dos alunos aumente a cada aula para saber o que irá acontecer nos próximos capítulos. O livro dará continuidade ao método que não para aí, muito pelo contrário, tem como objetivo sempre ampliar os horizontes dos alunos.

CONCLUSÃO

A literatura para crianças e jovens no Brasil passou por um longo período pedagogizante, indicando um grande atraso no que diz respeito à formação de leitores em nosso país. Ainda hoje nos deparamos com obras voltadas a esse objetivo e que nada acrescentam para a construção de leitores críticos. É claro que para um país que atualmente ainda busca modelos importados, não só em relação à literatura, mas em vários setores como a educação e seus métodos, esse processo de passagem de uma literatura utilitária para a estética caminhará, e ainda caminha, em passos lentos. Frente a isso se faz necessário à formação cada vez mais crítica dos profissionais que atuam com a disciplina de literatura nos anos iniciais, pois como nos ensina Antonio Candido em Conferência pronunciada na XIV Reunião Anual da SBPC, 1972, a literatura é força humanizadora, como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.

Logicamente o trabalho apresentado aqui não tem a pretensão de resolver os problemas existentes nas escolas brasileiras no que se refere à literatura infantil, mas vem para contribuir no esclarecimento de dúvidas relacionadas ao tema, tendo em vista que muitos profissionais da educação ainda acreditam encontrar na literatura uma oportunidade para os ensinamentos de valores e boas maneiras. Enquanto educadores, devemos por obrigação revelar uma maior importância para com o assunto e como ele vem sendo tratado em muitas escolas brasileiras. Cabe a nós formar leitores críticos e capazes de se libertarem da triste condição imposta às crianças vindouras das classes menos favorecidas, pois sabemos que muitas vezes é na escola e somente nela que surgirá a oportunidade de contato com uma literatura de qualidade, com livros de qualidade. Caso contrário, estaremos nos aliando ao conformismo imposto às grandes massas da população, que insere os pequenos no campo da mídia, da propaganda, das histórias descabidas sem nenhum valor estético e que nada acrescentam para sua formação.

A escola não pode mais aceitar que a literatura seja algo menos importante para a formação do homem, do cidadão que se espera formar, mas deve tornar a literatura, principalmente, nos anos iniciais, como disciplina indispensável nos currículos escolares. Deve constar na matriz como disciplina, pois poucos são os currículos que reservam um espaço para a formação de leitores. Muitos citam a literatura como simples passagens dos alunos pela biblioteca da escola sem objetivo

algum, além de realizar escolhas de livros para leitura sem qualquer sentido. Enquanto não mudarmos nossa postura diante dessa realidade, ainda que camuflada, mas existente em muitas das nossas escolas, não poderemos reclamar do grande número de analfabetos funcionais que temos formados e o índice elevado de “cidadãos” desprovidos de uma capacidade crítica. Um país que não forma leitores críticos estará condenado a um desenvolvimento no qual haverá sempre a classe dos dominantes e a classe dos dominados, não diferente como tem ocorrido nos últimos séculos.

Como já esclarecido, não se tem aqui a pretensão de formular uma receita imediata e eficaz no que se refere à literatura nos anos iniciais de escolarização, mas é uma tentativa de acrescentar, de melhorar, de mostrar que muito se tem caminhado, mas ainda há muito que se melhorar nessa área. Da mesma forma, apresentou-se uma sugestão de trabalho para com uma das obras de Lygia Bojunga, mas muitas são as formas de trabalho que podem ampliar o horizonte de expectativas de nossos pequenos leitores. Sabemos que mudanças em pedagogias são difíceis, mas cabe a nós profissionais da educação torná-las possíveis, mesmo frente às inúmeras dificuldades que vão desde escolas que não possuem um espaço adequado para a literatura, diga-se de passagem, muitas não possuem nem mesmo uma biblioteca, até mesmo o acervo limitado de obras de qualidade presentes nas nossas escolas. Nossa função não é fácil e não apresenta resultados imediatos, mas é indispensável na formação não somente de leitores, mas de seres humanos capazes de criticar, de mudar as situações contraditórias de um país. Formação que sem dúvida é e continuará sendo nossa, professores, formadores de opinião. É nesse aspecto que devemos nos preocupar com as concepções de literatura que acreditamos e ensinamos, não podemos nos acomodar e pautar o nosso trabalho com obras tendencionistas e discursos utilitaristas porque isso não é literatura, não podemos reduzi-la a isso. Não podemos, de forma alguma, confundir um nível instrumental de uma obra com a heresia didática, mas também não podemos deixar de reconhecer que há algo além do prazer na literatura. Acima de tudo, aceitar a arte como algo dotado de caráter instrumental, mas recusar sua redução a esse ponto.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **O sofá estampado**. 32. Ed.- 6ª reimpr.-Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de.**Literatura- a formação do leitor:alternativas metodológicas**.2.ed.Porto Alegre:Mercado Aberto,1993.

CANDIDO, Antonio.**A literatura e a formação do homem**.São Paulo, p. 803-809, agosto, 1972.

_____**O direito à literatura**. 3. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P.235-263.

PAULI, Alice A. Matsuda.**Tecendo a aula de Português**. Educação Literária em foco: entre Teorias e Práticas. Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008, p.60-69.

PERROTTI, Edmir.**O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Icone,1986.